

# Uma abordagem histórica do ecumenismo pentecostal na América Latina

## A historical approach to Pentecostal ecumenism in Latin America

Josiah Baker<sup>12</sup>

### Resumo

A história do envolvimento pentecostal no ecumenismo na América Latina continua pouco estudada, apesar da longa história de tal envolvimento em vários países. Essa ignorância histórica impede as iniciativas ecumênicas pentecostais de estudiosos e líderes eclesiais da região. Uma consciência da história revela a necessidade do ecumenismo e esclarece os obstáculos ao trabalho ecumênico. Para demonstrar o valor da pesquisa histórica, proponho uma estrutura tripartida que examina as relações em mudança dos pentecostais com protestantes, católicos e outros pentecostais em toda a América Latina. Suas relações com as igrejas protestantes são ambivalentes ao longo do tempo e da região, mesmo que as duas coexistam como evangélicos; suas relações com a Igreja católica se tornaram mais amargas ao longo das gerações; e suas relações com outras igrejas pentecostais frequentemente permaneceram inexistentes. O estudo das interações pentecostais com outras igrejas ajuda a construir uma identidade pentecostal latino-americana transnacional que apoia o trabalho futuro dos ecumenistas pentecostais na região.

### Palavras-chave

História ecumênica. Conselho Latino-Americano de Igrejas. Foro Pentecostal Latinoamericano y Caribeño. Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais. Relações católico-pentecostais.

### Abstract

The history of Pentecostal involvement in ecumenism in Latin America remains understudied, despite the long history of such involvement in numerous countries. This historical ignorance impedes Pentecostal ecumenical initiatives from scholars and church leaders in the region. An awareness of history reveals the need for ecumenism and clarifies the obstacles to ecumenical work. To demonstrate the value of historical research, I propose a tripartite framework that examines Pentecostals' changing relations to Protestants, Catholics and other Pentecostals across Latin America. Their relations with Protestant churches are ambivalent across time and region, even as the two coexist as evangelicals; their relations with the Catholic Church became more embittered over generations; and their relations with other Pentecostal churches often have remained nonexistent. The study of Pentecostal interactions with other churches helps to construct a transnational Latin American Pentecostal identity that supports the future work of Pentecostal ecumenists in the region.

### Keywords

Ecumenical history. Latin American Council of Churches. Latin American and Caribbean Pentecostal Forum. Latin American Network of Pentecostal Studies. Catholic-Pentecostal relations.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Teologia no Seminário Teológico Fuller (STF). Mestre em Divindade pelo STF. Bacharel em Teologia pela North Central University (NCU). Assistente administrativo do Southern California Christian Forum. Contato: [joeybaker@fuller.edu](mailto:joeybaker@fuller.edu).

<sup>2</sup> Agradeço à amiga Gabriella Lais Ribeiro Silva pela ajuda na revisão da tradução deste artigo.

## INTRODUÇÃO

Pouco mais de 50 anos após o avivamento da Rua Azusa, o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) em 1961 ganhou suas primeiras igrejas-membro pentecostais – a Iglesia Pentecostal de Chile e a Misión Iglesia Pentecostal. Depois de quase 60 anos adicionais, partes do pentecostalismo latino-americano passaram a maior parte da história do movimento envolvida até mesmo nos níveis “oficiais” mais altos do movimento ecumênico. A maior parte dessa história, no entanto, permanece não escrita. A reflexão sobre o envolvimento pentecostal no ecumenismo continuou sendo trabalho de outros campos de investigação. Um crescente corpo de literatura teológica tem sido publicado por grupos acadêmicos, mas tais trabalhos se baseiam no desenvolvimento histórico em vez de estudar o desenvolvimento em si em detalhes. Mesmo quando escritoras como Gedeon Alencar (2013) examinam as relações históricas das denominações pentecostais com outros grupos cristãos, eles o fazem através de uma lente sociológica, em vez de uma expressamente histórica. As iniciativas pentecostais no ecumenismo na região, portanto, olham para o futuro enquanto esquecem o passado.

Este artigo é um ensaio programático sobre a necessidade de desenvolver uma abordagem histórica para o estudo do ecumenismo pentecostal na América Latina. Defendo que tal abordagem esclarece os obstáculos e revela caminhos frutíferos para a interação pentecostal futura com outras igrejas na região. A pesquisa histórica oferece uma oportunidade de examinar como a recepção e o desenvolvimento do pentecostalismo estabeleceram as relações eclesiásticas que os ecumenistas hoje tratam. Embora tal escopo hemisférico impeça nuances geográficas, ele permite comparações da atividade ecumênica através das fronteiras geográficas. Eu defendo a tese propondo uma estrutura tripartida para examinar as relações dos pentecostais com protestantes, católicos e outros pentecostais. Tal quadro reconhece diferentes dinâmicas presentes em cada relação. Assim, o ensaio informa o trabalho do ecumenismo pentecostal, revelando futuras áreas de investigação que apoiam os esforços ecumênicos transnacionais.

Talvez pareça contraintuitivo estudar tal tópico à luz da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021 do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs com o tema de Fraternidade e diálogo, quando tanto o diálogo quanto a fraternidade são estranhos a grande parte da história pentecostal na América Latina. No entanto, o objetivo do ecumenismo não é ignorar a polarização, mas superá-la. Portanto, é apropriado dedicar atenção à história porque ela informa os trabalhos contemporâneos a dialogar e se relacionar entre pentecostais e outros cristãos.

Em vez de tentar uma narração da história em um espaço tão curto, identificarei temas e questões historiográficas pertinentes a pesquisas futuras. Crucial para o estudo é a abordagem hemisférica e o período de tempo que se estende desde a chegada do pentecostalismo até os dias atuais. Isso permite uma análise através de regiões geográficas e uma compreensão mais abrangente de como o pentecostalismo se desenvolveu em relação a outras igrejas. Em minha discussão sobre o pentecostalismo, incluo os neopentecostais como uma expressão do movimento, mas, no contexto das relações ecumênicas, considero os protestantes carismáticos e

## **Uma abordagem histórica do ecumenismo pentecostal na América Latina**

os católicos carismáticos como distintos do pentecostalismo. A inclusão de grupos tão diversos sob o rótulo de “pentecostal” não pretende encobrir as diferenças entre eles, mas identificar pontos em comum na forma como esses grupos se relacionam com outras igrejas cristãs.

O artigo baseia-se em material histórico e análise de três tipos de fontes. As primeiras são as poucas obras existentes sobre ecumenismo pentecostal que estudam a história em escala nacional ou em um período mais curto. Eles funcionam como guias para o campo na identificação de eventos-chave que moldaram a história mais ampla da América Latina. O segundo tipo de fonte são trabalhos sociológicos sobre a América Latina que estudam como os pentecostais e outros cristãos interagem, o que dá uma ideia de como as relações ecumênicas pentecostais mudaram ao longo do tempo. O terceiro tipo são histórias do ecumenismo na América Latina, principalmente o livro de Dafne Sabanes Plou (1994) e o ensaio de Edin Sued Abumanssur (2016). O livro de Longuini Neto (2002) é mais recente, mas ele se concentra mais estreitamente no protestantismo. Embora tais histórias raramente tratem do pentecostalismo por extenso, elas situam a presente discussão dentro da narrativa mais ampla das relações eclesiais na América Latina. Como este artigo se preocupa com o estudo da história e não com os próprios eventos históricos, ele discute textos acadêmicos no lugar de fontes primárias dos períodos examinados.

Para argumentar sobre a necessidade de uma abordagem histórica, começo examinando por que tal falta existe atualmente na literatura e os problemas que ela apresenta. A seguir, apresento a estrutura tripartida por meio da qual examino a história. As relações dos pentecostais com os protestantes na América Latina variam entre os períodos, mesmo enquanto os dois coexistem em uma identidade e cultura evangélica compartilhadas. O crescimento do pentecostalismo em um ambiente predominantemente católico desafiou a paisagem política e religiosa preexistente da América Latina. As relações cada vez mais complexas entre as denominações pentecostais constituem uma área final que ainda não recebeu atenção adequada dos estudiosos. Concluo o artigo propondo passos futuros para o estudo da história ecumênica entre os pentecostais latino-americanos que apoiariam iniciativas ecumênicas transnacionais.

### **1 EXPLORAR A FALTA DE INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA**

Ao argumentar sobre a necessidade de investigação histórica, não presumo que nenhum trabalho anterior tenha sido feito. Estudiosos pentecostais estudaram o desenvolvimento nacional de iniciativas ecumênicas particulares. A já referida entrada dos pentecostais chilenos no Conselho Mundial de Igrejas tem chamado a atenção (PALMA, 1985; ÁLVAREZ, 2010), e André Luís da Rosa (2017) descreve a participação de algumas denominações em conselhos regionais de igrejas. O aumento da erudição teológica ecumênica também falou sobre a história pentecostal às vezes (ÁLVAREZ, 2009). No entanto, uma história abrangente do ecumenismo pentecostal na América Latina ainda precisa ser escrita. As conquistas ecumênicas e os antagonismos do movimento permanecem espalhados entre os diferentes campos de

investigação, impedindo a ação historicamente informada e unificada dos ecumenistas pentecostais.

O que torna curiosa a falta de investigação histórica é que, em regiões fora da América Latina, a história é um campo comum de investigação para o ecumenismo pentecostal. A história do pentecostalismo norueguês de Terje Hegertun (2009) foi uma das primeiras monografias publicadas entre os pentecostais escandinavos sobre ecumenismo, e o trabalho de John Odeyemi (2019) sobre as relações pentecostal-católicas na África Ocidental estabelece uma continuidade histórica com desenvolvimentos em outros lugares. O primeiro grande trabalho do Conselho Mundial da Igreja sobre o movimento carismático em 1978 teve orientação histórica (DAVIS, 1978), e a primeira geração de estudos ecumênicos pentecostais nos Estados Unidos foi em grande parte um exercício de historiografia.<sup>3</sup> Essa literatura estuda a história por uma questão de ressourcement. Ao descrever o pentecostalismo primitivo como um movimento de mentalidade ecumênica, os historiadores apelam às origens da identidade pentecostal para justificar seus próprios projetos ecumênicos. O pentecostalismo mostra-se assim um movimento com potencial ecumênico latente.

Se a história é um foco comum para ecumenistas pentecostais, por que é pouco estudada na América Latina? Isso é parcialmente resultado do trabalho limitado feito sobre a história pentecostal na América Latina em geral, uma dificuldade que Paul Freston lamenta (FRESTON, 2016, p. 431). É mais provável que os historiadores examinem indivíduos ou eventos do que escrevam relatos prolongados do movimento na região. O estudo do pentecostalismo latino-americano também se preocupa com as Ciências Sociais. Quer a literatura sejaêmica ou ética, os autores frequentemente falam dos pentecostais como assuntos sociológicos e não históricos. Essa falta de consciência histórica dificulta a compreensão do desenvolvimento do pentecostalismo em relação a outras igrejas.

O esforço é ainda mais complicado pela escassez de pesquisas históricas feitas sobre ecumenismo na América Latina. Na literatura e na ação, a América Latina permanece na periferia da atenção ecumênica internacional. Os ecumenistas frequentemente escrevem histórias para demonstrar a eficácia dos projetos ecumênicos ou para marcar marcos significativos na vida de uma organização interdenominacional. Portanto, não é surpreendente que tão pouca pesquisa histórica tenha sido feita na América Latina, onde o ecumenismo tem definido por gerações.

Se os ecumenistas pentecostais na América Latina devem estudar sua própria história, deve ser por razões diferentes das mencionadas acima. Existem provavelmente poucos marcos de conquista que os pentecostais latino-americanos possam comemorar melhorando suas relações com outras igrejas. Também não houve uma era dourada de protoecumenismo pentecostal na região que os estudiosos podem recuperar para o bem do presente.

---

<sup>3</sup> Para exemplos, consulte as pesquisas históricas em *Pneuma: The Journal of the Society for Pentecostal Studies*, Leiden, v. 9, n. 1, jan./jun. 1987.

## Uma abordagem histórica do ecumenismo pentecostal na América Latina

Em vez disso, os ecumenistas pentecostais devem estudar a história com o objetivo de demonstrar a necessidade do ecumenismo na América Latina. O pentecostalismo sofreu e causou antagonismo com outras tradições cristãs ao longo do século passado. A memória do antagonismo obstrui os projetos dos ecumenistas e, portanto, os estudiosos devem dar conta dos efeitos duradouros da história. Conforme explorado a seguir, a história do cristianismo na América Latina no século XX também revela as lutas políticas, econômicas e sociais que as igrejas enfrentaram. Os cristãos foram capazes de fazer a diferença nessas situações terríveis porque trabalharam além das linhas denominacionais. A pesquisa histórica argumenta com base na experiência a necessidade e o valor da ação ecumênica.

Uma abordagem histórica do ecumenismo pentecostal torna-se um exercício de redefinição da identidade do pentecostalismo latino-americano. Muito da história pentecostal pode ser escrita com pouca referência a outras tradições cristãs. A identidade pentecostal é assim construída sem relacionamento com outras identidades, o que faz com que os pentecostais não vejam nenhum valor em se relacionar com os outros. Mesmo fora do pentecostalismo, o ecumenismo permanece estranho a um ambiente religioso do qual os estudos geralmente falam na terminologia do mercado. As religiões na América Latina permanecem “competidoras” e, portanto, não coexistem amigavelmente (CHESNUT, 2003). Para combater essa tendência, os estudiosos devem revisitar a recepção e o desenvolvimento do pentecostalismo latino-americano. Apesar do limitado trabalho ecumênico realizado anteriormente, uma narrativa histórica reconstruída apoiará as aspirações futuras dos ecumenistas pentecostais ao diálogo e à fraternidade.

## 2 ESTRUTURA TRIPARTIDA

É útil abordar a história do ecumenismo pentecostal na América Latina de três ângulos diferentes. Embora essas três vias de interações intergrupais tenham influenciado umas às outras ao longo da história do pentecostalismo, elas são suficientemente distintas para justificar um tratamento separado. A primeira seção descreve a coexistência de pentecostais com igrejas protestantes históricas que mudou devido a mudanças sociopolíticas na América Latina. Em seguida, eu examino as relações hostis do pentecostalismo com a Igreja católica muito maior, uma dinâmica que a Renovação Carismática Católica (RCC) suaviza intermitentemente. As interações intrapentecostais são a abordagem final da história, uma abordagem que é a menos estudada das três, mas que tem implicações para o ecumenismo pentecostal em geral. Cada seção segue uma linha do tempo histórica sem a pretensão de cobrir todos os períodos igualmente, nem todas as figuras e grupos importantes são mencionados em detalhes. Este artigo propõe uma agenda para pesquisas históricas futuras, em vez de escrever a história, então eu restrinjo meus comentários a descrever temas e questões que devem moldar pesquisas futuras.

## 2.1 Relações com protestantes

Os estudiosos frequentemente distinguem o pentecostalismo das antigas tradições protestantes europeias e norte-americanas presentes na América Latina. As diferenças entre as igrejas pentecostais e protestantes históricas são ofuscadas por uma maioria católica, fazendo com que as duas entidades não católicas se unam em prol de uma ação conjunta. A história das relações dos pentecostais com os protestantes históricos é, no entanto, repleta de tensão e um irenismo forçado que continua até os dias atuais. Compreender essa história ajuda os ecumenistas pentecostais em suas interações com as igrejas protestantes.

O pentecostalismo se implantou pela primeira vez na América Latina, principalmente entre as comunidades protestantes preexistentes. Os pentecostais da região frequentemente não buscavam estabelecer igrejas pentecostais, mas tornar carismáticas suas próprias igrejas protestantes. Portanto, eles se basearam na cultura protestante mais ampla, um padrão que persistiu. A atenção à cultura religiosa compartilhada entre pentecostais e protestantes impede que a história ecumênica se restrinja à história denominacional. Os primeiros pentecostais usavam as mesmas bíblias que as igrejas protestantes históricas usavam e seus hinários eram recheados de música protestante (RAMÍREZ, 2015, p. 167-179). A bem estudada chegada do pentecostalismo ao Brasil demonstra isso, quando os missionários suecos e italianos começaram seu trabalho entre as comunidades batistas e presbiterianas migrantes já existentes no país (ALENCAR, 2013, p. 97-169). Ao se posicionar como protestantes, os pentecostais definiram sua localização social primária na América Latina.

Essa convivência harmoniosa logo se romperia devido às diferenças doutrinárias. As igrejas protestantes rapidamente denunciaram os ensinamentos pentecostais que os recém-chegados propagavam, resultando na formação de igrejas pentecostais. As origens do pentecostalismo chileno são uma dessas histórias. Quando Willis Hoover pregou ensinamentos revivalistas e carismáticos, ele foi removido da Iglesia Metodista Episcopal. Igrejas dissidentes metodistas, alianças e presbiterianas, consolidadas sob o novo movimento de Hoover, resultaram na primeira denominação pentecostal do Chile (ORELLANA, 2005, p. 34-35). Diferenças doutrinárias continuaram a prejudicar as relações com o protestantismo gerações depois, enquanto o diálogo luta para superar a polêmica (ABUMANSUR, 2016, p. 738).

A entrada do pentecostalismo na América Latina também interrompeu as tênues redes ecumênicas que existiam na região na virada do século XX. Gastón Espinosa (2014, p. 203-213) relata como os pentecostais ignoraram os arranjos de *comity* dos protestantes em Porto Rico. Agências missionárias, para evitar competir por convertidos, orquestraram áreas geográficas entre as denominações. Os pentecostais retardatários não foram incluídos nos arranjos de cortesia, nem procuraram ser incluídos. Deve ser lembrado que os pentecostais se viam promovendo a mesma causa evangelística que os protestantes, mas por causa da falta de coordenação entre os dois, as primeiras igrejas pentecostais frequentemente cresciam em detrimento das protestantes. O México é uma exceção modesta. Por causa da influência dos

## Uma abordagem histórica do ecumenismo pentecostal na América Latina

movimentos de santidade dos Estados Unidos, ocorreu um intercâmbio mais livre entre as igrejas pentecostais e algumas igrejas protestantes sem tanta competição. Aos olhos de muitos protestantes históricos, no entanto, os pentecostais estavam roubando ovelhas de outras congregações por meio de seus falsos ensinamentos. O esquema conceitual protestante predeterminado de tradições cristãs aceitáveis não tinha uma categoria para pentecostais e, portanto, as redes protestantes não acomodavam pentecostais.

A ambivalência só aumentaria nas décadas subsequentes à medida que os pentecostais construíam seu lugar na sociedade evangélica. Enquanto o liberalismo político reordenava a sociedade latino-americana e ameaçava quebrar a hegemonia religiosa católica, protestantes e pentecostais frequentemente se viam como aliados. O período após a primeira geração do pentecostalismo na América Latina talvez sofra o maior déficit de atenção acadêmica. Plou (1994, p. 59-64), por exemplo, simplesmente salta da década de 1920 para 1961. Esse período é significativo para os ecumenistas pentecostais, pois numerosas denominações pentecostais desenvolveram suas identidades institucionais e se espalharam pela América Latina em meados do século. Literatura primária de avivamentos e boletins informativos serviria como uma rica visão de como pentecostais e protestantes viam uns aos outros. A dispersão das igrejas pentecostais em nações em urbanização aproximou-as dos protestantes dessas mesmas cidades, enquanto ambos trabalhavam para atender às necessidades dos novos pobres urbanos. Os estudiosos compreenderiam melhor o desenvolvimento das relações ecumênicas pentecostais na segunda metade do século se soubessem o que precipitou esses desenvolvimentos.

A década de 1960 viu a entrada de “un grupo interesante” (PLOU, 1994, p. 59) de pentecostais latino-americanos na arena ecumênica internacional. Alguns pentecostais durante esse tempo procuraram expandir suas relações eclesiais para promover seu impacto social, enquanto o Conselho Mundial de Igrejas, dominado pelos protestantes, buscou incorporar igrejas mais jovens do Terceiro Mundo. A entrada das duas denominações pentecostais chilenas acima mencionadas em 1961 foi motivada pelo desejo de expressar solidariedade com outras igrejas em tempos de opressão (PALMA, 1985, p. 229; ÁLVAREZ, 2009, p. 205; ÁLVAREZ, 2010, p. 41). Pouco depois, o Brasil para Cristo, sob o comando de Manoel de Mello, juntou-se ao CMI para promover o ativismo social. Alencar (2013, p. 214) teoriza que a parceria finalmente falhou quando nenhuma das partes se beneficiou, um resultado que Freston (2016, p. 440) insinua ao descrever a saída do Brasil para Cristo do CMI. As parcerias institucionais com os protestantes começaram a refletir a ambivalência que os pentecostais haviam experimentado em nível local.

Os desafios políticos e ideológicos do final do século XX moldaram ainda mais as relações com o protestantismo. Os pentecostais nem sempre agiram como aliados políticos de seus companheiros não católicos. O ecumenismo chileno na década de 1970, por exemplo, reuniu igrejas durante a junta militar de Augusto Pinochet. O Comité de Cooperación para la Paz en Chile, apoiado pelo CMI, documentou violações de direitos humanos e forneceu

assistência jurídica às vítimas de prevaricação governamental. A junta respondeu suprimindo o comitê. Visto que a organização protestante encontrou sua força na cooperação, o governo enfraqueceu a aliança semeando a discórdia entre as igrejas para se voltarem umas contra as outras. O comitê se desfez em 1975, após dois anos de sucesso. Alguns pentecostais participaram de tais iniciativas ecumênicas; outros notoriamente obtiveram favores de Pinochet durante esse mesmo período (MANSILLA, 2018; HARTCH, 2014, p. 83-86). Deve-se enfatizar que nem todas as igrejas pentecostais apoiavam Pinochet, e nem todas as igrejas que o apoiavam eram pentecostais. No entanto, esse episódio revela um tema histórico recorrente que Abumanssur (2016, p. 734-736) observou: o ecumenismo na América Latina é um projeto de igrejas que não buscam “competir” por convertidos; as igrejas que competem abandonam as alianças ecumênicas.

Ao lado do crescimento explosivo do pentecostalismo no final do século XX, surgiram igrejas protestantes conservadoras por meio da influência do cristianismo norte-americano. A tendência evangelística e ocasionalmente moralista dessas igrejas as tornou compatriotas com os pentecostais. O revivalismo tornou-se assim uma força unificadora neste segmento do cristianismo latino-americano. Todd Hartch (2014, p. 106-107) escreve como o avivalista argentino Carlos Annacondia conduziu suas campanhas de evangelismo reunindo intencionalmente denominações em uma localidade, incorporando protestantes e pentecostais. A experiência compartilhada de evangelismo avivalista na Argentina e em outros lugares acendeu a camaradagem, mesmo que tais relações raramente se institucionalizassem em corpos ecumênicos.

As organizações ecumênicas surgiram por outros meios. A crescente presença do protestantismo na América Latina e a influência internacional dos movimentos conciliares geraram o Conselho Latino-Americano de Igrejas em 1978. O conselho teve o apoio de dois bispos pentecostais – Gabriel Vaccaro e Enrique Chávez Campos – e um quarto dos delegados na reunião de 1978 eram pentecostais (YONG, 2016, p. 272; PLOU, 1994, p. 62). Ainda assim, muitos pentecostais empregaram o “instrumento ideológico de suspeita” contra o conselho (CAMPOS, 2016, p. 154). A organização estava associada a grupos liberais e, portanto, era tratada como um. Em resposta, a Confraternidad Evangélica Latinoamericana foi formada por influência direta do evangelicalismo conservador norte-americano e recebeu apoio modesto do pentecostalismo. Manuel Gaxiola (1991, p. 128) relata que os pentecostais participam de ambos os grupos, enquanto Oscar Corvalán (2013, p. 207) admite que tais empreendimentos ecumênicos permanecem sob o controle dos protestantes. Os pentecostais na América Latina, devido à sua fragmentação, têm tido que se relacionar com outras tradições cristãs por meio das estruturas que os protestantes estabeleceram.

Essa história explica as relações institucionais que existem hoje entre pentecostais e protestantes. Jean-Pierre Bastian (2012, cap. 6, p. 13-14) observa que os grupos religiosos refletem a política neocorporativista de alguns países latino-americanos. Os agentes religiosos

## Uma abordagem histórica do ecumenismo pentecostal na América Latina

buscam o bem comum do grupo – a tradição da Igreja – que às vezes alinha os interesses do grupo com os de outros grupos. Portanto, há pouca solidariedade horizontal direta entre as igrejas, fazendo com que sejam dependentes das estruturas verticais de suas denominações para as relações externas. As denominações pentecostais interagem com as denominações protestantes por causas políticas e sociais, mas a motivação para fazer isso é promover as preocupações de suas próprias igrejas pentecostais.

No nível local, são necessárias mais pesquisas históricas sobre a crescente cultura pós-denominacional na América Latina. A diminuição da lealdade dos fiéis a igrejas específicas resulta na indefinição das linhas entre as denominações, mesmo entre as pentecostais e protestantes (CHÁVEZ, 2014, p. 714). Os cristãos compartilham música, literatura e organizações enquanto ocasionalmente cruzam fronteiras confessionalmente. Essa dinâmica é ainda mais complicada pelas posturas evangelísticas agressivas de muitas igrejas, que agora têm que competir por seus próprios membros (HARTCH, 2014, p. 54). O ecumenismo é assim auxiliado e frustrado. A quebra das barreiras denominacionais promove relações amigáveis, enquanto a necessidade de preservar a lealdade denominacional diminui o incentivo à parceria institucional. Talvez se possa dizer que a fraternidade tem diminuído o ímpeto do diálogo. Ecumenistas pentecostais devem estudar história para compreender as interações eclesiásticas contemporâneas que abordam em seu trabalho. Ao fazer isso, os estudiosos descobrem as experiências compartilhadas com o protestantismo que tornaram as duas tradições aliadas e antagonistas hoje em uma sociedade historicamente católica.

### 2.2 Relações com católicos

A história das relações pentecostais latino-americanas com a Igreja católica é menos complexa do que a das relações com o protestantismo e é mais fácil identificar uma progressão histórica na narrativa. Os pentecostais de toda a América Latina têm resistido à hegemonia cultural e política do catolicismo, principalmente por meio do proselitismo. A oposição católica ao crescimento pentecostal aumentou durante o século passado e as relações entre os dois melhoraram apenas ligeiramente como resultado da RCC. Apesar da simplicidade da narrativa, os ecumenistas pentecostais devem estudar a história para obter uma imagem mais precisa das relações eclesiásticas contemporâneas. A história ecumênica católica é uma reflexão tardia para Plou (1994, p. 141-155), e Abumanssur fala escassamente do catolicismo em seu ensaio. No entanto, o catolicismo hoje continua sendo o ator eclesiástico dominante na América Latina. A história, portanto, informa as iniciativas ecumênicas pentecostais com os católicos, examinando as origens das hostilidades generalizadas e como as exceções à norma surgiram.

Os primeiros encontros entre católicos e pentecostais foram recebidos com menos fanfarra do que aqueles pentecostais com os protestantes. Como mencionado acima, a primeira geração de pentecostais consistia principalmente de ex-protestantes. Os pentecostais estavam mais preocupados em tornar as igrejas protestantes carismáticas do que em fazer proselitismo

proativo das igrejas católicas. O movimento, portanto, voou sob o radar dos hierarcas católicos. Os católicos desconsideraram o pentecostalismo como mais uma insignificante intrusão protestante.

As duas igrejas começaram a interagir em uma escala mais ampla à medida que os missionários pentecostais proliferavam, seja de fora da América Latina ou entre regiões. Este período histórico de relações com o catolicismo permanece pouco estudado. No entanto, alguns temas podem ser inferidos. Pentecostais plantaram igrejas e fizeram proselitismo de seus vizinhos, que na maioria das vezes eram católicos. Também é duvidoso que muitas igrejas católicas na América Latina antes do Concílio Vaticano II teriam considerado as igrejas pentecostais como algo mais do que seitas. Perguntas ainda permanecem para algumas regiões. Quando a Igreja de Deus em Cristo começou seu trabalho missionário em Trinidad e no Haiti, eles dirigiram seu evangelismo apenas entre as comunidades religiosas afro-caribenhas ou também entre os católicos praticantes? Os católicos em todos os países viam o pentecostalismo como uma intrusão norte-americana ou a associação variava de acordo com a relação do país com os Estados Unidos? Essa nuance ajudaria a dar corpo à narrativa histórica.

O proselitismo causou antagonismo na esfera sociopolítica em meados do século. O século XX ainda estava vendo mudanças nas relações entre o estado secular e a Igreja católica. À medida que as religiões não católicas cresceram em vários países, elas lutaram pela liberdade religiosa em pé de igualdade com o catolicismo. Os pentecostais participaram e às vezes lideraram esses esforços. No México dos anos 1940, o ressentimento católico contra os não católicos culminou em um ataque a uma comunidade pentecostal, resultando na morte de um punhado de pessoas e na destruição de casas e uma igreja. O bispo pentecostal David Ruesga tornou-se o porta-voz da comunidade evangélica. Por meio de alianças com protestantes em grupos como o Comité Nacional Evangélico de Defesa, os pentecostais se afirmaram contra a hegemonia católica e ganharam maior posição na sociedade (LUZ, 2009, p. 208-213). Esse padrão se repetiu em outras partes da América Latina até os dias atuais. Quando os pentecostais confrontam o catolicismo, eles deixam de lado quaisquer conflitos que possam ter com os protestantes.

A metade do século XX viu conversões em massa ao pentecostalismo. A maioria desses convertidos eram ex-católicos. Os esforços de proselitismo pentecostal contra o catolicismo foram e continuam sendo intencionais, vendo a Igreja católica como uma forma desviante, senão apóstata, de cristianismo. Mesmo aqueles com uma mente tão ecumênica como Mello mencionou acima igualaram o catolicismo à idolatria (ALENCAR, 2013, p. 214). O Conselho Episcopal Latino-Americano falou da “la invasión de sectas” como um problema crescente que a Igreja católica enfrenta em vários documentos, incluindo o documento de Puebla de 1979 aqui citado (CHESNUT, 2003, p. 84-88).<sup>4</sup> Essa atitude defensiva contrasta fortemente com as relações católico-protestantes durante este tempo. Plou (1994, p. 147-151) cita esses

---

<sup>4</sup> DP 419.

## Uma abordagem histórica do ecumenismo pentecostal na América Latina

documentos conciliares como marcos no crescente compromisso da Igreja católica com o ecumenismo com os protestantes na América Latina. Ao mesmo tempo, o documento de Puebla revela um crescente alarme sobre o pentecostalismo. As necessidades pastorais dos católicos levaram os hierarcas a se associarem aos protestantes para resolver os problemas sociais, ao mesmo tempo que os levou a competir com os pentecostais. Mais recentemente, o papa Bento XVI, na conferência de Aparecida de 2007, alertou sobre o proselitismo de numerosas seitas, enquanto o documento da conferência insiste na necessidade de um diálogo ecumênico com esses grupos.<sup>5</sup> Isso talvez represente um crescente irenismo que reconhece a necessidade de medidas defensivas. A Igreja católica como uma instituição continua a formalizar sua relação com o pentecostalismo enquanto, simultaneamente, organiza tentativas para conter o crescimento do movimento.

Por outro lado, um dos primeiros passos para a reconciliação entre os dois ocorreu por parte dos católicos. As origens da RCC foram ecumênicas, mas é evidente que tal impulso ecumênico originou-se de fora da América Latina. Francis MacNutt viajou por toda a região com equipes compostas por carismáticos protestantes e católicos para incentivar a renovação na década de 1970 (CLEARY, 2011, p. 37). Quando a RCC ainda era jovem e fora do controle do clero, católicos e pentecostais participavam de encontros e compartilhavam música (CLEARY, 2011, p. 204; THORSEN, 2016, p. 465). Os pentecostais começaram a descobrir os católicos como irmãos separados.

A RCC, na década de 1980, no entanto, tornou-se mais firmemente católica. Isso foi em parte resultado da aprovação episcopal do movimento e em parte uma medida preventiva para garantir que os católicos não se tornassem pentecostais. O movimento adotou a Virgem Maria como sua padroeira e as reuniões frequentemente incluíam sua estátua para os participantes venerarem, alienando assim os pentecostais (THORSEN, 2016, p. 465, 469). A espiritualidade carismática tornou-se uma forma de as comunidades católicas impedirem a saída de seus membros, edificando os leigos e incentivando sua participação ativa na paróquia. Essa tensão revela a difícil luta que os ecumenistas enfrentam. Edward Cleary (2011, p. 6) identifica a RCC como uma das poucas forças motrizes da unidade na América Latina, mas mesmo isso se tornou uma forma de o catolicismo “competir” com o pentecostalismo.

O crescimento pentecostal começou a ameaçar o catolicismo mesmo fora da paróquia local no final do século XX. Como mencionado acima, os pentecostais perturbaram os sistemas econômicos e políticos que a hegemonia católica tradicionalmente sustentava. Os acontecimentos ocorridos nos estados do sul do México chamaram a atenção internacional. A região é a menos católica do país, principalmente entre as comunidades indígenas (BASTIAN, 2012, cap. 4, p. 5). Quando os pentecostais e protestantes indígenas se recusaram a participar dos festivais comunitários, a rede social de várias aldeias começou a se desfazer. Os católicos responderam multando e prendendo aqueles que boicotaram os festivais, até mesmo destruindo

---

<sup>5</sup> DAp 227-234.

as propriedades de algumas igrejas. Os pentecostais eram particularmente suscetíveis a ataques devido às suas reuniões barulhentas e esforços de proselitismo. Por meio da defesa de grupos jurídicos, os pentecostais não eram mais expulsos de suas aldeias na virada do século XXI (GROSS, 2016, p. 94-97). Esses eventos não devem ser vistos como elementos marginais da narrativa católico-pentecostal na América Latina, pois seu legado tem moldado a forma como as duas igrejas se conceituam em toda a região até os dias atuais.

O antagonismo ocorreu em ambas as direções. Os pentecostais têm sido igualmente conflituosos em suas atitudes em relação ao catolicismo. Talvez o evento mais discutido na história pentecostal latino-americana, fora das primeiras décadas, seja o de animosidade – o chute na santa. O bispo Sérgio Von Helder, da Igreja Universal do Reino de Deus, em 1995, gerou polêmica quando chutou uma estátua da padroeira do Brasil na televisão para demonstrar a futilidade do culto católico aos santos (HARTCH, 2014, p. 188; HUNT, 2016, p. 30; BASTIAN, 2012, conclusão, p. 4-5). O conflito estourou a ponto de os líderes nacionais implorarem para evitar uma guerra santa. Mais pesquisas são necessárias sobre o impacto duradouro que esse incidente teve nas relações das igrejas no país, mas continua sendo apenas o exemplo mais notável de iconoclastia pentecostal na América Latina. A literatura hispanófono inventou um termo para essas manifestações de hostilidade anticatólica – *el marianicidio*.

O conflito resultante do evento foi trazido à atenção da comunidade internacional de ecumenistas 20 anos depois, em 2015, durante a *Semana de Oração pela Unidade Cristã*. O material do Conselho Mundial de Igrejas, preparado pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs e organizações ecumênicas afiliadas, na verdade culpou os pentecostais como a fonte de muita intolerância no Brasil. Os autores referem-se às igrejas que competem por convertidos e influência social como a ruína do ecumenismo no país, citando uma encíclica papal contra esses grupos.<sup>6</sup> Os incidentes de hostilidade devem ser reconhecidos na promoção da fraternidade, mas um relato honesto da história também deve reconhecer que nenhuma igreja é a única causa de tal hostilidade. Eventos proeminentes podem servir como estudos de caso das relações pentecostais com o catolicismo. O tempo tornou as relações antagônicas entre as igrejas não menos violentas, mas mais visíveis.

A história ilumina as relações geralmente antagônicas entre pentecostais e católicos na América Latina. É certo que tal antagonismo não é segredo para ninguém. Não obstante, a história é importante porque explica as origens da hostilidade e como surgiram as exceções à norma. Cleary (2011, p. 174-182) descreve como os pentecostais argentinos foram recentemente capazes de promover melhores relações com a Igreja católica por meio de reuniões de oração carismática. Eles se basearam nas relações íntimas de gerações anteriores que não foram atenuadas como em outros lugares. Ele afirma que os católicos argentinos e os pentecostais,

---

<sup>6</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; COMISSÃO DE FÉ E ORDEM DO CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. **Resources for the week of prayer for Christian unity and throughout the year**. Genebra, 2015. Disponível em: <<https://www.oikoumene.org/sites/default/files/Document/WPCU2015en.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2020. **Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 8, n. 13, p. 287-307, jul./dez. 2020  
298 ISSN 2595-8208

portanto, têm interações relativamente mais amigáveis. A história recente também viu o alinhamento dos interesses políticos pentecostais e católicos na Colômbia em face da secularização e das mudanças sociais em torno da família e da sexualidade (BELTRÁN, 2017, p. 207). Esta é uma reversão das tendências históricas, mas a história também estabelece um precedente para o fenômeno. Historicamente, os pentecostais se aliaram aos protestantes contra a hegemonia católica. Agora, os pentecostais se aliam cada vez mais aos católicos conservadores contra as mudanças frequentemente advogadas por protestantes históricos e católicos progressistas.

Mais pesquisas históricas são necessárias sobre como as relações pentecostal-católicas na América Latina foram afetadas pelas relações fora da região. A RCC é frequentemente estudada como um movimento de reconciliação entre católicos e pentecostais (AU, 2011) e o diálogo bilateral internacional inspirou um subcampo da literatura acadêmica dentro da ecumênica pentecostal. Se alguém ler apenas as obras teológicas produzidas pelo diálogo internacional ou por estudiosos da Europa ou da América do Norte, ficará com a impressão de que ocorreu uma reconciliação notável entre as duas tradições. A história pentecostal na América Latina, entretanto, desfaz essa impressão. A participação dos pentecostais nas esferas ecumênicas internacionais é examinada a seguir, mas o contraste nas relações ecumênicas é surpreendente. Depois de quase meio século de engajamento proativo fora da América Latina, por que os pentecostais e católicos da região não foram afetados por esses desenvolvimentos? Talvez essa divisão fale da falta de comunicação e coordenação entre os próprios pentecostais.

### 2.3 Relações com outros pentecostais

Estudos sobre o pentecostalismo latino-americano tendem a definir o movimento por suas relações com entidades externas – seja o Estado, a sociedade em geral, outras tradições cristãs ou outras religiões. As relações intrapentecostais, portanto, permanecem pouco estudadas. Isso dificulta o trabalho ecumênico. Qualquer tradição teológica deve compreender a si mesma antes de poder interagir com outra. Além disso, nenhuma denominação pentecostal singular é grande o suficiente para enfrentar os obstáculos acima mencionados à unidade sozinha. É por isso que redes transnacionais de estudiosos pentecostais se formaram para o diálogo. A pesquisa histórica auxilia essas redes porque revela os problemas que os ecumenistas pentecostais enfrentarão ao trabalharem juntos de forma mais próxima.

A primeira geração de pentecostais influenciada pelo avivamento da Rua Azusa via-se como pertencente à cultura evangélica mais ampla. À medida que se distinguiam das igrejas protestantes, eles se fundiram em redes e denominações. Essas organizações logo foram complementadas por missionários da América do Norte e da Europa, que trouxeram suas denominações com eles. Alencar (2013, p. 44) observa que as questões doutrinárias que dividiram as denominações pentecostais nos Estados Unidos não causaram cismas no Brasil. No entanto, isso não impediu que as divisões fossem transplantadas para solo latino-americano. As

tensões raciais não dividiram as denominações no Caribe, mas as Assembleias de Deus e a Igreja de Deus em Cristo permaneceram separadas em seu trabalho missionário entre as ilhas. As cismas sobre a Trindade não se originaram na América Latina, mas os Apostólicos cresceram no México e na Colômbia enquanto separados de outros pentecostais. As brigas de liderança de Ambrose (A.J.) Tomlinson ocorreram nos Apalaches, mas a Igreja de Deus e a Igreja de Deus da Profecia proliferaram em toda a América Latina. Embora a afirmação de Norberto Saracco (2016, p. 176) de que os primeiros pentecostais colaboraram em alguns países possa ser verdadeira, também é evidente que eles perpetuaram cismas preexistentes.

Ao contrário das duas seções anteriores sobre relações externas, a segunda geração do pentecostalismo está bem documentada a respeito das relações intrapentecostais. Vários trabalhos relatam a institucionalização do pentecostalismo durante esse período. As identidades da Igreja se cristalizaram, inclusive nas relações entre si. A maioria dos organismos nacionais dedicou mais atenção à manutenção de laços com o país de origem da denominação do que com outras igrejas pentecostais locais, uma dinâmica que tem dificultado a colaboração pentecostal na América Latina até o presente. As lutas entre líderes missionários e latinos fragmentaram ainda mais o pentecostalismo. Bernardo Campos (2016) descreve a história do pentecostalismo peruano como uma série de diversificações e competições e Luis Orellana (2005, p. 94-98) narra as numerosas denominações chilenas que romperam com a Iglesia Metodista Pentecostal institucionalizada na década de 1920.

Onde faltam estudos contemporâneos são as relações intrapentecostais de meados do século. Como visto acima, os pentecostais durante esse tempo tornaram-se cada vez mais envolvidos na esfera sociopolítica à medida que se aliavam aos protestantes e fizeram proselitismo dos católicos. Os pentecostais faziam isso enquanto também interagiam uns com os outros. A falta de estudos não se deve à falta de materiais de fonte primária. Hartch (2014, p. 35) explica como evangelistas itinerantes posteriores atraíram multidões de pentecostais através das linhas denominacionais em seus eventos. Isso revela uma identidade transpentecostal existente em termos de música, conferências e talvez literatura que se desenvolveu em meados do século. Mesmo quando as denominações pentecostais se separaram, seus membros interagiram livremente. Pesquisas futuras devem levar em conta essas interações locais enquanto descrevem o desenvolvimento histórico de uma identidade pentecostal latino-americana.

Enquanto o pentecostalismo cresceu nas décadas de 1960 e 1970, ele se diversificou ainda mais com o surgimento de igrejas “neopentecostais”. Essas denominações diferiam das igrejas pentecostais mais antigas principalmente por suas características sociológicas, em vez de doutrinárias. Os neopentecostais evitavam a disciplina mais rígida de outras igrejas e colocavam maior ênfase nos elementos taumatúrgicos das reuniões da igreja. Os dois ramos do pentecostalismo clássico e do neopentecostalismo começaram a definir suas identidades em distinção um do outro. O estudioso mexicano Juan Castillo (2014, p. 77) adapta a “teoria da

## Uma abordagem histórica do ecumenismo pentecostal na América Latina

conspiração” das origens pentecostais na América Latina ao atribuir o neopentecostalismo à influência do expansionismo dos Estados Unidos, ecoando assim as acusações dos católicos contra os pentecostais. O etos pós-denominacional fez com que membros das igrejas pentecostais clássicas gravitassem na direção dos líderes carismáticos das igrejas neopentecostais, onde os padrões de estilo de vida não são tão rígidos (CAMPOS, 2016, p.155; LINDHARDT, 2016, p. 66). Os pentecostais clássicos começaram a refletir essas igrejas mais novas para serem mais competitivas, processo que tem sido denominado de “iurdização” em homenagem à igreja neopentecostal mais proeminente, a Igreja Universal do Reino de Deus (ALENCAR, 2013, p. 273). Abumanssur (2016, p. 737) explica que, quando as igrejas têm que escolher entre evangelismo e ecumenismo, as que estão crescendo optam pelo evangelismo. Os pentecostais, para preservar seu crescimento, tornam-se opositores até mesmo entre si.

Na esfera política, no final do século, a divisão foi reforçada pelo estabelecimento de blocos eleitorais neopentecostais no Brasil distintos dos demais pentecostais (FREESTON, 1993, p. 85). O princípio de que “irmão vota em irmão” revelou que os dois ramos do pentecostalismo nem sempre se veem como irmãos. Infelizmente, a maioria dos estudos examina essa relação da perspectiva do pentecostalismo clássico, por isso é mais difícil estabelecer como os próprios neopentecostais veem a história. No entanto, é evidente que o “pluralismo competitivo” criado pelos pentecostais começou a prejudicar até mesmo a fraternidade intrapentecostal (FREESTON, 2016, p. 443).

Hoje, as interações entre denominações pentecostais são apoiadas por redes como a Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais. A Comisión Evangélica Pentecostal Latinoamericana foi o ponto culminante em 1990 de inúmeros encontros nacionais ocorridos na década de 1970 (OLIVEIRA, 2017, p. 21-22). Essas organizações foram fundadas por acadêmicos com o objetivo de dialogar e colaborar além das fronteiras eclesiais e nacionais (CAMPOS, 2016, p. 154-155). Ecumenistas pentecostais têm desempenhado um papel único no desenvolvimento de redes pentecostais transnacionais na América Latina. Diante da oposição de tantos de seus colegas na academia e na igreja, eles buscaram a colaboração de outras pessoas fora de seus países de origem. A recente criação do Foro Pentecostal Latinoamericano y Caribeño talvez seja a melhor demonstração da fragmentação atual do pentecostalismo latino-americano. A organização segue o modelo do Fórum Cristão Mundial, uma empresa ecumênica que reúne cristãos de uma pluralidade de tradições, da ortodoxa à católica à evangélica. No entanto, o foro se concentra apenas nos pentecostais (MENDOZA, 2012, p. 27-31). Ao fazê-lo, os pentecostais latino-americanos reconheceram que são tão internamente diversos e isolados uns dos outros que tiveram que adotar uma metodologia ecumênica projetada para relações externas, em vez de internas, a fim de facilitar o diálogo.

A história explica essas dificuldades. Estudos de pentecostais latino-americanos destacaram a diversidade do movimento, mas os ecumenistas estão apenas começando a falar das divisões dentro do movimento. A história revela que as lutas que os estudiosos têm

enfrentado para fazer a ponte com outras igrejas pentecostais são o resultado de gerações de competição. A postura agressiva que os pentecostais às vezes assumem em relação aos protestantes e aos católicos tornou os pentecostais agressivos até mesmo entre si. Para combater essa tendência, os historiadores devem revisitar as narrativas de suas próprias igrejas para demonstrar os danos que essas divisões causaram, mesmo quando o pentecostalismo cresceu numericamente. Ao fazer isso, os ecumenistas contribuem para a formação de uma identidade pentecostal latino-americana a partir da qual eles podem começar a se relacionar mais amigavelmente com protestantes e católicos.

### **3 PASSOS FUTUROS**

Este artigo apresenta uma agenda para futuras pesquisas históricas para apoiar as iniciativas dos ecumenistas pentecostais latino-americanos. Ao fazer isso, não presumo ter coberto todos os períodos, figuras ou grupos que são relevantes para a história. Em vez disso, identifiquei os principais temas que merecem atenção enquanto os ecumenistas pentecostais estudam os desenvolvimentos que os levaram até os dias atuais. Para dar corpo a essa história no futuro, proponho agora três passos a serem dados que ajudarão os ecumenistas em seu trabalho de reconciliação.

Em primeiro lugar, os ecumenistas pentecostais latino-americanos devem estudar as relações ecumênicas que ocorreram entre as igrejas locais e os leigos em diferentes períodos. Grande parte da história pentecostal existente narra o desenvolvimento das instituições da igreja, o que significa que a vida diária dos fiéis é negligenciada. Os ecumenistas devem capitalizar sobre a abundância de pesquisas científicas sociais sobre o pentecostalismo latino-americano e os recursos primários nos quais ela se baseia. Daniel Ramírez (2015, p. 196), por exemplo, cita o compartilhamento de música entre igrejas como evidência de uma vida religiosa compartilhada entre pentecostais e protestantes no México do início do século XX. Ao fazer isso, os acadêmicos obterão uma melhor compreensão de como o ecumenismo se parece “no terreno”, o que ajuda a receber iniciativas ecumênicas institucionais em nível local. Um estudo das interações locais também pode informar as relações formais no nível institucional.

Em segundo lugar, mesmo enquanto estudam o ecumenismo local, os historiadores pentecostais devem expandir seus estudos das relações eclesiásticas formais na América Latina. As contribuições do pentecostalismo latino-americano a grupos como o Conselho Mundial de Igrejas, a Aliança Evangélica Mundial, o Movimento Lausanne e o Fórum Ibero-americano de Diálogo Evangélico devem ser apreciadas por meio da reflexão acadêmica. Além disso, uma quantidade desproporcional de literatura foi publicada sobre o ecumenismo pentecostal no Chile e no Brasil, deixando outras narrativas nacionais nas sombras. Isso impede uma imagem robusta do ecumenismo pentecostal contemporâneo. Por que, por exemplo, as igrejas pentecostais cubanas optaram por se juntar ao conselho de igrejas do país já em 1964 (CEPEDA, 1996, p. 102)? Por que os Apostólicos Mexicanos têm sido uma das poucas igrejas nacionais de

## Uma abordagem histórica do ecumenismo pentecostal na América Latina

pentecostais unicistas no mundo a participar de organizações ecumênicas? A pesquisa sobre essas igrejas e seus líderes dará uma visão sobre os avanços obtidos entre os ecumenistas pentecostais latino-americanos e os novos desafios que enfrentarão.

Ao longo dessas mesmas linhas, sugiro que mais nuances são necessárias em relação a uma tese comum na literatura pentecostal existente. Frequentemente, afirma-se que as denominações originadas na América Latina são mais ecumenicamente ativas do que aquelas que mantinham laços com a Europa e a América do Norte. Gaxiola (1991, p. 127-128) afirma isso em uma escala hemisférica, Saracco (2016, p. 177) argumenta a tese ao apontar para a formação da Confraternidad Evangélica Pentecostal na Argentina e David Bundy (2002, p. 280) destaca essa dinâmica na liderança ecumênica da Unión Evangélica Pentecostal Venezolana. No entanto, deve-se reconhecer que tais exemplos são ofuscados pelas dezenas – senão centenas – de denominações originadas na América Latina que não pertencem a nenhuma aliança ecumênica. É importante lembrar também que duas das igrejas pentecostais mais sectárias da América Latina, La Luz del Mundo e Congregação Cristã no Brasil, nunca tiveram laços com uma igreja estrangeira. A distinção entre as denominações originadas na América Latina e missionárias precisa de nuances. Este esclarecimento lançará mais luz sobre por que algumas igrejas pentecostais são ecumenicamente ativas e outras não.

Finalmente, os estudiosos latino-americanos do ecumenismo pentecostal devem registrar sua própria história. Muitos dos avanços que foram feitos na ação ecumênica entre os pentecostais foram resultado da liderança acadêmica. Carmelo Álvarez (2009), por exemplo, oferece uma abordagem testemunhal da história ao contar as histórias de líderes pentecostais latino-americanos que viram valor em seu trabalho ecumênico. David Mesquiati de Oliveira (2017) também narra o desenvolvimento do Foro Pentecostal Latinoamericano y Caribeño e da Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais. A pesquisa histórica é uma oportunidade para os ecumenistas compreenderem suas próprias lutas. Uma linha de investigação mais difícil, mas crucial, é a história da recepção da erudição ecumênica pentecostal nas últimas duas gerações. Não há escassez de livros e artigos publicados por indivíduos e grupos, mas é difícil discernir o impacto que seu trabalho escrito causou. Ao narrar como essas publicações são citadas em pesquisas subsequentes ou como elas influenciam as ações eclesiais, os ecumenistas pentecostais aprendem uns com os outros e são encorajados em seus esforços.

## CONCLUSÃO

A América Latina representa todo o espectro de engajamento ecumênico entre os pentecostais globais. As primeiras igrejas pentecostais a se juntaram ao Conselho Mundial de Igrejas vieram da região e, dos sete membros pentecostais que atualmente fazem parte do CMI, cinco são latino-americanos. Além disso, as redes acadêmicas pentecostais que ali cresceram consideram o ecumenismo um objetivo principal de seus esforços, enquanto a maioria das redes pentecostais semelhantes fora da América Latina consideram o ecumenismo uma preocupação

marginal, na melhor das hipóteses. Ao mesmo tempo, os pentecostais latino-americanos continuam entrincheirados contra outras igrejas. Suas relações com os protestantes são ambivalentes nos níveis local, organizacional e político; suas relações com os católicos têm tirado sangue e atraído a atenção internacional; e suas relações com outros pentecostais são competitivas ou simplesmente inexistentes.

Essa polaridade na experiência pentecostal latino-americana é a razão pela qual os ecumenistas pentecostais devem estudar história. O desenvolvimento e a recepção do pentecostalismo na região revelam as origens das relações eclesiais que os ecumenistas hoje tratam. A pesquisa histórica retrabalha a identidade pentecostal latino-americana em relação a outros cristãos, narrando a dinâmica benevolente e antagônica que os pentecostais enfrentaram e causaram. Ao examinar as interações diárias das igrejas locais ao longo da história, a participação oficial das denominações pentecostais em iniciativas ecumênicas e a influência dos estudiosos pentecostais nas relações eclesiais, os ecumenistas podem demonstrar a necessidade de fraternidade e diálogo na região. Além disso, eles poderão testemunhar por experiência própria como a unidade beneficia a igreja cristã em toda a América Latina. A história ajuda os pentecostais latino-americanos em sua visão do futuro. ✎

## **REFERÊNCIAS**

ABUMANSUR, Edin S. Ecumenism in Latin America: Between the marketplace and the desert. In: GARRARD-BURNETT, Virginia; FRESTON, Paul; DOVE, Stephen C. (Orgs.). **The Cambridge History of Religions in Latin America**. Nova York: Cambridge University Press, 2016. p. 729-738.

ALENCAR, Gedeon F. de. **Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011**. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

ÁLVAREZ, Carmelo E. Ecumenismo del espíritu: voces pentecostales latinoamericanas y caribeñas. In: CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis (Orgs.). **Voces del pentecostalismo latinoamericano**. Concepción, Chile: RELEP, 2009. v. 2. p. 199-216.

ÁLVAREZ, Carmelo E. Joining the World Council of Churches: the ecumenical story of Pentecostalism in Chile. In: VONDEY, Wolfgang (Org.). **Pentecostalism and Christian Unity: ecumenical documents and critical assessments**. Eugene Pickwick Publications, 2010. p. 34-45.

AU, Connie H. Y. **Grassroots unity in the charismatic renewal**. Eugene: Wipf and Stock, 2011.

BASTIAN, Jean-Pierre. **La mutación religiosa de América Latina: para una sociología del cambio social en la modernidad periférica**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2012. Disponível em: <<http://www.digitaliapublishing.com/fuller.idm.oclc.org/visorepub/43178>>. Acesso em: 20 set. 2020.

BELTRÁN, William M.; QUIROGA, Jesús D. Pentecostalismo y política electoral en Colombia (1991-2014). **Colombia Internacional**, Bogotá, v. 91, n. 3, p. 187-212, jul./set. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rci/n91/0121-5612-rci-91-00187.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2020.

## Uma abordagem histórica do ecumenismo pentecostal na América Latina

BUNDY, David D. Venezuela. In: BURGESS, Stanley M.; VAN DER MAAS, Eduard M. (Orgs.). **The new international dictionary of Pentecostal and charismatic movements**. Ed. rev. e ampl. Grand Rapids: Zondervan, 2002. p. 279-281.

CAMPOS, Bernardo. The varieties of Peruvian Pentecostalism. In: YONG, Amos; SYNAN, Vinson; ÁLVAREZ, Miguel (Orgs.). **Global renewal Christianity: Latin America**. Spirit empowered movements: past, present and future, v. 2. Lake Mary: Charisma House, 2016. p. 146-156.

CASTILLO HERNÁNDEZ, Juan C. Escenarios culturales de la IAFCJ en México (1914-2014). In: TORRES ALVARADO, Domingo. **Cien años de Pentecostés: desde la vivencia de la Iglesia apostólica**. Cidade do México: Ediciones del Lirio, 2014. p. 37-93.

CEPEDA, Rafael *et al.* Changing Protestantism in a changing Cuba. In: GUTIÉRREZ, Benjamin F.; SMITH, Dennis A. (Orgs.). **In the power of the Spirit: the Pentecostal challenge to historic churches in Latin America**. Cidade do México: Asociación de Iglesias Presbiterianas y Reformadas en América Latina, 1996. p. 95-116.

CHÁVEZ VELARDE, Enrique; TORRES ALVARADO, Domingo. Desafíos y perspectivas. In: TORRES ALVARADO, Domingo. **Cien años de Pentecostés: desde la vivencia de la Iglesia apostólica**. Cidade do México: Ediciones del Lirio, 2014. p. 663-719.

CHESNUT, R. Andrew. **Competitive spirits: Latin America's new religious economy**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

CLEARY, Edward L. **The rise of charismatic Catholicism in Latin America**. Gainesville: University Press of Florida, 2011.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento conclusivo: V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. Aparecida, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Puebla: III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. Puebla, 1979.

CORVALÁN, Oscar. Notas sobre el futuro de los pentecostales latinoamericanos en su transición de movimiento social a la constitución de iglesias cristianas. In: OLIVEIRA, David M. de (Org.). **Pentecostalismos e transformação social**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 195-213.

DAVIS, Rex. **Locusts and Wild honey: the charismatic renewal and the ecumenical movement**. The risk book series 2. Geneva: World Council of Churches, 1978.

ESPINOSA, Gastón. **Latino Pentecostals in America: Faith and politics in action**. Cambridge: Harvard University Press, 2014.

FRESTON, Paul. Brother votes for brother: the new politics of Protestantism in Brazil. In: GARRARD-BURNETT, Virginia; STOLL, David (Orgs.). **Rethinking Protestantism in Latin America**. Philadelphia: Temple University Press, 1993. p. 66-110.

FRESTON, Paul. History, current reality and prospects of Pentecostalism in Latin America. In: GARRARD-BURNETT, Virginia; FRESTON, Paul; DOVE, Stephen C. (Orgs.). **The Cambridge History of Religions in Latin America**. Nova York: Cambridge University Press, 2016. p. 430-450.

GAXIOLA-GAXIOLA, Manuel J. Latin American Pentecostalism: a mosaic within a mosaic. **Pneuma: The Journal of the Society for Pentecostal Studies**, Leiden, v. 13, n. 1, p. 107-129, out. 1991.

GROSS, Toomas. Pentecostal congregations and religious competition in rural Mexico. In: LINDHARDT, Martin (Org.). **New ways of being Pentecostal in Latin America**. Lanham: Lexington Books, 2016. p. 87-110.

HARTCH, Todd. **The rebirth of Latin American Christianity**. Studies in world Christianity. Oxford: Oxford University Press, 2014.

HEGERTUN, Terje. **Det brodersind som pinseaanden nødvendigvis maa føde**: analyse av økumeniske posisjoner i norsk pinsebevegelse med henblikk på utviklingen av en pentekostal økumenikk og fornyelse av økumeniske arbeidsformer. Trondheim: Tapir Akademisk, 2009.

HUNT, Stephen. Glocalization and Protestant and Catholic contestations in the Brazilian religious economy. In: LINDHARDT, Martin (Org.). **New ways of being Pentecostal in Latin America**. Lanham: Lexington Books, 2016. p. 15-38.

LINDHARDT, Martin. Time to move on: Pentecostal church shifting and religious competition in contemporary Chile. In: LINDHARDT, Martin (Org.). **New ways of being Pentecostal in Latin America**. Lanham: Lexington Books, 2016. p. 63-86.

LONGUINI NETO, Luiz. **O novo rosto da missão**: o movimento ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano. Viçosa: Ultimato, 2002.

LUZ GARCÍA, Deyssy J. de la. El pentecostalismo en México y su propuesta de experiencia religiosa e identidad nacional: un breve recorrido histórico, 1920-1948. **Revista Cultura y Religión**, Iquique, v. 3, n. 2, p. 199-220, jul./dez. 2009. Disponível em: <<https://www.revistaculturayreligion.cl/index.php/culturayreligion/article/view/159/149>>. Acesso em: 20 set. 2020.

MANSILLA, Miguel Á.; ORELLANA URTUBIA, Luis. **Evangélicos y política en Chile 1960-1990**: política, apoliticismo y antipolítica. Santiago: Universidad Arturo Prat del Estado de Chile, 2018.

MENDOZA, Richar. El Foro Cristiano Mundial y el Foro Pentecostal. In: ORELLANA URTUBIA, Luis; CAMPOS, Bernardo (Orgs.). **Ecumenismo del espíritu**: pentecostalismo, unidad y misión. Lima: Foro Pentecostal Latinoamericano, 2012. p. 27-31.

ODEYEMI, John Segun. **Pentecostalism and Catholic ecumenism in developing nations**: West Africa as a case study for a global phenomenon. Eugene: Wipf and Stock, 2019.

OLIVEIRA, David M. de. Instituições pentecostais latino-americanas para a unidade eclesial e para a produção acadêmica: o caso do FPLyC e da RELEP. In: BARBOSA, Carlos A. C.; OLIVEIRA, David M. de (Orgs.). **As vozes da cooperação I**: FPLyC, RELEP, FCM. São Paulo: Reflexão, 2017. p. 19-45.

ORELLANA URTUBIA, Luis. **El fuego y la nieve**: historia del movimiento pentecostal en Chile: 1909-1932. Concepción: Centro Evangélico de Estudios Pentecostales, 2005.

PALMA, Marta. A Pentecostal church in the ecumenical movement. **The Ecumenical Review**, Hoboken, v. 37, n. 2, p. 223-229, abr./jun. 1985.

PLOU, Dafne S. **Caminos de unidad**: itinerario del diálogo ecuménico en América Latina 1916-1991. Quito: Consejo Latinoamericano de Iglesias, 1994.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; COMISSÃO DE FÉ E ORDEM DO CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. **Resources for the week of prayer for Christian unity and throughout the year**. Genebra, 2015. Disponível [Caminhos de Diálogo](#), Curitiba, ano 8, n. 13, p. 287-307, jul./dez. 2020  
306 ISSN 2595-8208

## Uma abordagem histórica do ecumenismo pentecostal na América Latina

em: <<https://www.oikoumene.org/sites/default/files/Document/WPCU2015en.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2020.

RAMÍREZ, Daniel. **Migrating faith: Pentecostalism in the United States and Mexico in the twentieth century.** Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2015.

ROSA, André L. da. Pentecostalismo e ecumenismo: algumas observações. **Reflexus**, Vitória, v. 11, n. 18, p. 385-400, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/518/462>>. Acesso em: 20 set. 2020.

SARACCO, J. Norberto. Argentine Pentecostalism: historical roots, current developments and challenges for the future. In: YONG, Amos; SYNAN, Vinson; ÁLVAREZ, Miguel (Orgs.). **Global renewal Christianity: Latin America.** Spirit empowered movements: past, present and future, v. 2. Lake Mary: Charisma House, 2016. p. 169-178.

THORSEN, Jakob E. The Catholic Charismatic Renewal and the incipient Pentecostalization of Latin American Catholicism. In: GARRARD-BURNETT, Virginia; FRESTON, Paul; DOVE, Stephen C. (Orgs.). **The Cambridge History of Religions in Latin America.** Nova York: Cambridge University Press, 2016. p. 462-479.

Recebido em: 28/09/2020.

Aceito em: 09/12/2020.